

PARS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
A. Torque		
Data		
16-11-95		
Caixão	Página	
1	2	
Seção		
Assunto		
Habitação		

Praça Deodoro também está esquecida

Bernardo de Menezes

A atenção que o poder público dá à Praça Marechal Deodoro, no Comércio, é inversamente proporcional à importância da Proclamação da República, que aniversariou ontem e teve o militar alagoano como personagem central. O estado de abandono em que se encontra o logradouro vem sendo, aliás, denunciado há algum tempo pelos meios de comunicação, sendo preciso, antes de tudo, tomar importantes medidas sociais para sanar o problema. Pelo menos 10 barracos de madeira já ocupam o valorizado espaço, onde sobretudo catadores de sucata fixaram residência.

A Praça Marechal Deodoro fica próximo à Rua Torquato Bahia, tendo aos fundos o Julião (ligação entre o Comércio e o Taboão). Ao centro, ela é cortada de ponta a ponta por um estacionamento privativo, de onde os ocupantes tiram parte da água usada nos barracos através de uma mangueira que atravessa a tela de proteção. Durante o dia, parte dos moradores sai à cata de material reciclável, sobretudo papelão proveniente de lojas e depósitos em abundância naquela área. Outra parte vive de delitos como comércio de drogas e transações com vendedores de produtos roubados. Aliás, também existe no local uma "feira do rolo", que diariamente concentra dezenas de pessoas na área da praça próxima à Rua Torquato Bahia e a agência do Bradesco.

"CASA DE PLÁSTICO"

Entre os ocupantes mais antigos da Praça Marechal Deodoro (conhecida pela maioria como Praça do Mercado do Ouro, para maior desprestígio

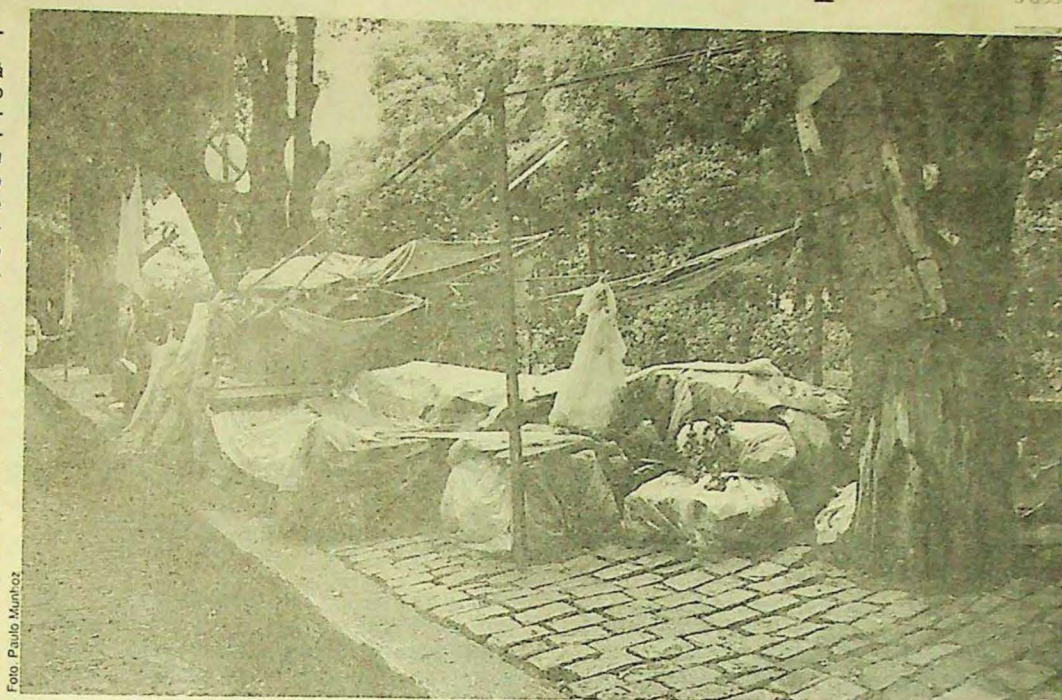


Foto Paulo Munhoz

A bela praça está inteiramente abandonada e transformou-se numa "invasão" cheia de barracos

do líder republicano) está um tal de Milton ou Hamilton, segundo um gari da Limpurb que diariamente varre o local. Sua moradia está localizada na calçada, defronte a lojas atacadistas de alimentos e produtos químicos e tem um toque surrealista pelo visual que apresenta. Ela é toda forrada de plástico incolor emendado sobre caixotes de madeira e preso nas extremidades em árvores e na tela do estacionamento. Ele está ali há pelo menos três anos e, segundo os garis, costuma ganhar algum dinheiro trabalhando na carga e descarga de caminhões que páram em frente aos atacadistas.

Outra ocupante que está se tornando cada vez mais antiga na área é a conhecida "Maria Preta", ex-moradora de um prédio localizado ao lado do Elevador Lacerda, que hoje está mais valorizado. Ela chegou à Praça Marechal Deodoro há cerca de dois anos, segundo frequentadores do local, o que estimulou outras pessoas a erguerem suas moradias com pedaços de madeira ao longo de um corredor lateral ao estacionamento. "Beto Lima", 29 anos, é um dos mais novos ocupantes do local, juntamente com o irmão e a cunhada. Disse que "os home da prefeitura vêm aqui de vez

em quando, reclamam, mas ninguém sai".

"Sair para onde?". Esta é a pergunta feita automaticamente por quem é questionado no que já se pode chamar de invasão da Praça Marechal Deodoro. O espaço é o que se chama de *filé mignon* da cidade, pois está próximo do Centro e do Comércio e fornece em abundância o que mais atrai quem vive do comércio informal: plástico, vidro, metal, papel e papelão para os catadores. Além disso apresenta grande potencial de consumidores de bugingangas como produtos eletro-eletrônicos, ferramentas etc.